



Matrizes

ISSN: 1982-2073

ISSN: 1982-8160

matrizes@usp.br

Universidade de São Paulo

Brasil

TREJO DELARBRE, RAÚL

Metaevento: meios, redes e cidadãos na pandemia

Matrizes, vol. 15, núm. 2, 2021, pp. 13-32

Universidade de São Paulo

São Paulo, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v15i2p13-32>

Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143068488003>

- Cómo citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica Redalyc

Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal
Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto

Metaevento: Meios, redes e cidadãos na pandemia

Metaevent: Media, networks and citizens in the pandemic

■ RAÚL TREJO DELARBRE^a

Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones. Coyoacan – Distrito Federal, México

RESUMO

A pandemia é planetária. Ela não tem uma data precisa de início, nem terá uma data de término. Não é um evento, mas um metaevento. A realidade do metaevento nos é imposta e promove inúmeras informações que passam por todo o ecossistema de comunicação. Este artigo discute as características do metaevento, bem como suas consequências na cobertura jornalística da mídia profissional, em sua intensa e contraditória propagação em redes sociodigitais e nas apropriações que as pessoas fazem dessa informação da qual somos receptores, mas também protagonistas.

Palavras-chave: Metaevento, pandemia e mídia, ecossistema de comunicação, covid-19

^a Doutor em sociologia, pesquisador do Instituto de Investigaciones Sociales da Universidad Nacional Autónoma de México (Unam). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1240-353>. E-mail: trejoraul@gmail.com

ABSTRACT

The pandemic is planetary. It does not have a precise start date, nor will it have an end date. It is not an event but a metaevent. The reality of the metaevent imposes itself on us and provides countless information that travels through the entire communication ecosystem. This article discusses features of the metaevent, as well as its consequences in the journalistic coverage of professional media, in its intense and contradictory propagation in the social media and in the appropriations that people make of that information of which we are recipients, but also protagonists.

Keywords: Metaevent, pandemic and media, communicational ecosystem, covid-19

TODAS AS NOITES, durante meses, eu olhava os dados da pandemia. Os novos casos de infecções, a soma dos mortos, os leitos hospitalares disponíveis, e aqueles que faltavam, fizeram parte das informações diárias que olhava on-line. Essa foi minha maneira de apreciar a floresta em chamas que o SARS-CoV-2 provocou. Algumas de suas árvores, as mais próximas, olhei nas notícias de amigos que foram vítimas da doença, nas vicissitudes de parentes próximos que na fase mais difícil da epidemia sofreram com a escassez de tanques e concentradores de oxigênio, na incerteza diante da epidemia que ultrapassou todas as previsões e durou muito mais do que imaginamos inicialmente. Da mesma forma que esses números de baixas e a infraestrutura de saúde, as imagens da pandemia mudaram e se agitaram de diferentes maneiras a cada dia. As redes sociodigitais traziam versões distantes, mas que eram próximas de nós porque estavam relacionadas ao nosso cotidiano, de pessoas que sofreram e outras que expressaram sua esperança.

Todos os dias, as cenas da pandemia que se substituíram são fragmentos da mesma história – o relato poliédrico e inacessível dessa calamidade global – e, por sua vez, são episódios que têm valor específico. A pandemia é uma coleção desordenada e incompreensível de acontecimentos. Não é somente um fato histórico, mas a catástrofe de consequências prolongadas espacial e temporalmente que marca uma era. A pandemia não se limita a um território ou a uma região, é planetária. A pandemia também não tem uma data de início precisa, nem terá uma data de término. A pandemia não é um evento, mas um metaevento.

UMA CATÁSTROFE QUE NÃO ESTÁ ANCORADA EM UMA DATA ESPECÍFICA

Um fato histórico tem prazos e escopos precisos, embora muitos deles só possam ser avaliados com a distância do tempo. O assassinato de John F. Kennedy, em Dallas, em novembro de 1963, a chegada de dois astronautas à Lua, em julho de 1969, ou a destruição das Torres Gêmeas, em setembro de 2001, foram tão impactantes que aqueles de nós que viveram nesses anos se lembram do que estávamos fazendo quando aconteceram. Para os historiadores, o fato histórico “é aquele acontecimento que assume significância dentro de um todo, para o qual requer não só ser conhecido, mas também ser transcendente e estar localizado em um quadro de referências” (De la Garza, 1991, p. 40). Ou seja, o fato histórico, para ser assim, requer contexto que lhe permita estar situado e distante para ser avaliado. Do ponto de vista da sociologia, os fatos sociais, conforme estabelecido na conhecida definição de Durkheim (1895/1986), “consistem em formas de agir, pensar e sentir, exteriores ao indivíduo, e são dotados de um

poder de coerção em virtude do qual se impõem a ele” (p. 41). Segundo essa perspectiva, o fato social restringe a pessoa, apresenta um caráter coercitivo ou inevitável e não depende da subjetividade do indivíduo.

Por outro lado, experimentamos a pandemia como um evento definidor, que desarruma e modifica muitas coisas, independentemente da intensidade que seus efeitos tiveram para cada um de nós. Já sabemos que tem implicações históricas, tanto em nossas biografias quanto na evolução de nossas sociedades. A pandemia impõe consequências de natureza compulsiva e objetiva sobre nós, mas também sentimos seus efeitos, ou sofremos, de acordo com nossas circunstâncias e subjetividades.

A pandemia não só se arrasta por meses e anos, mas sua temporalidade, seja ela qual for, não está ancorada em uma data específica. Agora, e no futuro, cada um de nós terá nossas próprias memórias da epidemia de acordo com as formas como nos afetou, sempre situadas nas consequências que o coronavírus terá para nossa família e nosso entorno, nossos países e nossa época, o mundo e sua história. Do mesmo modo que os fatos que a compõem, a pandemia está se expandindo em círculos concêntricos que transcendem coordenadas cronológicas e geográficas. É mais do que um acontecimento histórico e muito mais do que um evento. É por isso que chamamos a pandemia de metaevento.

Um metaevento só pode ser entendido a partir de uma soma de experiências. Da pandemia teremos a memória de nossas ansiedades e das daqueles ao nosso redor, mas também a vasta bagagem de informações que saberemos sobre ela.

A pandemia afetou a todos nós. Ninguém foi capaz de escapar da ameaça, do medo e, em muitos casos, da própria doença trazida pelo vírus SARS-CoV-2. Em termos sanitários e econômicos, causou um desastre. Nossas sociedades, e o mundo inteiro, foram largamente colocadas em espera durante os meses mais difíceis; a apreensão sobre novas ondas de contágio continuará por muito tempo.

A partir da pandemia em 2020 e 2021, temos tido informações, reflexões e contrastes nos meios de comunicação tradicionais e, de maneira constante, também nas redes sociodigitais. Durante a longa temporada em que muitos de nós ficamos confinados – sempre e quando tivemos recursos financeiros e infraestrutura técnica para nos conectar de nossas casas – vivemos a pandemia na e pelas telas digitais. Substituímos, ainda que parcialmente, nossas práticas de trabalho, troca e socialização por comunicação em computadores, celulares e tablets. Neles, encontramos colegas e amigos, intensificamos o entretenimento, o comércio e outras atividades on-line, e, claro, nos inteiramos sobre o desenvolvimento da própria pandemia. Nossos dispositivos conectados à rede não substituíram – ou não completamente – os meios de comunicação convencionais, mas se tornaram canais de interação com todos os tipos de tarefas

e pessoas. Os medos e incertezas suscitados pela pandemia foram replicados e expressos, mas também conseguimos atenuá-los e compartilhá-los, por meio de nossas redes sociodigitais.

Temos enfrentado a primeira epidemia que se espalhou intensamente nas redes de internet, bem como na mídia tradicional. Outras epidemias, como a de gripe que sofremos em 2009, foram muito debatidas on-line, mas as redes digitais não tinham a cobertura ou presença pública que alcançaram uma década depois. Para o historiador John Keane (2020), a onipresença da mídia e das redes diferencia essa pandemia

de, digamos, as gripes russa e espanhola, pela que a informação e divulgação era por meio da transmissão lenta das mensagens de telégrafos, navios a vapor e jornais.

Nossa pandemia, por outro lado, é um evento rápido e global que produz temores de doença e morte em uma escala que nunca foi vista antes. (p. 11)

O EVENTO É CONSTRUÍDO, O METAEVENTO É IMPOSTO

As redes baseadas na internet não são mais uma área paralela ou complementar à da mídia tradicional. Televisão, rádio e imprensa são emissores com práticas de produção e mecanismos de transmissão gerenciados por poucas pessoas e espalham mensagens para muitas. Por causa dessas características, os chamamos de *meios de comunicação concentrados*.

Os meios digitais têm diferentes graus de concentração na produção de suas mensagens, mas geralmente suportam retroalimentação instantânea com seus públicos e, sobretudo, disseminam seu conteúdo de maneira reticular. Esses conteúdos são propagados em um enxame composto de nós que os replicam de um para o outro. É por isso que chamamos a imprensa digital, e especialmente as redes como Twitter, Facebook, YouTube e Instagram, entre muitas outras, *meios de comunicação descentralizados*.

Ambos, meios concentrados e descentralizados, fazem parte do *ecossistema de comunicação* que concentra a circulação de mensagens de todos os tipos em nossas sociedades. É um ecossistema definido pela desigualdade, irradiação, onipresença, ubiquidade, velocidade, volatilidade e convergência, entre outros aspectos com que caracterizamos a internet e a sociedade da informação há três décadas (Trejo Delarbre, 2006).

O evento, particularmente o evento de notícias, é típico dos meios concentrados. Esses meios de comunicação coletam, verificam (ou deveriam fazê-lo), hierarquizam e publicam conteúdo noticioso. Cada vez mais as notícias circulam antes em redes sociodigitais como o Twitter e de lá são

tomadas pela mídia convencional. A notícia, entendida de acordo com os cânones do jornalismo, é um “fato ou acontecimento verdadeiro, inédito e atual, de interesse geral, que é comunicado a uma audiência de massa” (López de Suazo Algar, 1990, p. 38). Essa definição não é cumprida no caso de inúmeras informações que se repetem, ou que estão longe de serem de interesse geral, e que geralmente ocupam grandes espaços em publicações digitais em busca de cliques por parte de seus leitores. A notícia, pelo menos idealmente, responde às conhecidas cinco perguntas colocadas pelo jornalismo: o que, quem, quando, como e por quê.

A cobertura jornalística sobre a pandemia se desdobra em um fluxo constante de informações que vão desde amplos panoramas nacionais ou globais, até as experiências de pessoas específicas, em casos emblemáticos, mas que são diferentes umas das outras. Muitas vezes a notícia do metaevento destacam *o que e quando*; às vezes, *quem* é difuso, especialmente quando se trata de pessoas cuja notoriedade é derivada do sofrimento sentido por elas ou seus parentes e *o por quê* é subentendido porque a causa é o vírus.

Nos meios concentrados, o evento é modelado após decisões e enfoques editoriais. Em seu conhecido livro que descreve como o acidente na usina nuclear de Three Mile Island, nos Estados Unidos, foi informado, Eliseo Verón (1983) ressaltou que o evento é construído: “Eventos sociais não são objetos que já se encontram prontos em algum lugar da realidade e cujas propriedades e avatares são imediatamente conhecidos pelos meios com maior ou menor fidelidade” (p. II). Os eventos surgem da realidade, mas são apresentados como notícia de acordo com o tratamento, ou tratamentos, concedidos a eles pela mídia. Cada meio seleciona a perspectiva a partir da qual analisará e descreverá tais fatos, o contexto no qual os colocará, a forma como serão apresentados aos seus públicos.

MIL NOMES NA PRIMEIRA PÁGINA. OUTRA CAPA, EM BRANCO

No metaevento, a capacidade da mídia de privilegiar uma abordagem ou outra não desaparece, mas é enquadrada, por sua vez, pela força do evento. As pessoas já sabem que há uma epidemia. Esse tema central, que é o eixo do metaevento, não é mais notícia. Por outro lado, o são as informações – pelas quais as pessoas têm um grande interesse – que dão um relato de como a epidemia está se espalhando, como afeta os outros, quais implicações pode ter para elas e suas famílias, e assim por diante. A pandemia é o fato essencial que permanece lá por meses ou anos e os meios relatam como ela está mudando e suas implicações. O protagonista do metaevento é a pandemia, mas para apreendê-la investigamos seus efeitos sobre comunidades, pessoas e momentos específicos.

Esse evento é o mesmo e, ao mesmo tempo, está em constante mudança. Sua propagação e as formas pelas quais nos envolve são conhecidas e as experimentamos com maior intensidade devido às informações que as redes sociodigitais constantemente nos trazem. Da pandemia, nas redes, somos espectadores e vítimas, público e protagonistas, tudo ao mesmo tempo. Ficamos saturados, mas ao mesmo tempo ávidos na incessante cascata de mensagens que recebemos sobre o metaevento. São muitos conteúdos, o que permite que nos informemos, mas ao mesmo tempo nos deixa perdidos. Com frequência, nesses dias de pandemia, nos confundimos nesse turbilhão de informações e, de repente, esquecemos a fonte de uma notícia que chama nossa atenção, ou misturamos um fato com outro. É difícil para nós ordenar as informações que, mescladas, ouvimos no rádio, lemos no Twitter, vislumbramos na imprensa e, além disso, recebemos e encaminhamos para outras pessoas no WhatsApp. Nesse turbilhão de dados, fatos e casos, temos dificuldade em determinar se essas informações são verdadeiras.

As notícias da pandemia documentam, favorecem e ao mesmo tempo retroalimentam a nossa ansiedade. Sabemos que estamos cheios de números, relatos e diagnósticos da pandemia, mas precisamos de mais. As circunstâncias dessa crise mudam a cada momento, mas, além disso, consumimos notícias sobre esse assunto e suas derivações como se o acúmulo informativo nos permitisse entender suas colossais dimensões.

Os veículos profissionais se esforçam para nos comunicar o tamanho e o escopo de uma pandemia que ultrapassa governos, instituições e sociedades. Em 24 de maio de 2020, quando o número de mortos pela covid-19 nos Estados Unidos estava prestes a chegar a 100 mil, o *The New York Times* (NYT) ocupou toda sua primeira página com os nomes de mil dessas vítimas. Não havia imagens, mas uma sucessão de nomes e sobrenomes acompanhados de uma frase alusiva à pessoa falecida. Por exemplo:

Floy Cardoz, 59, Montclair, N.J., chef indiano de culinária delicada. Kious Kelly, 48, Cidade de Nova York, enfermeira na luta contra a covid. Romi Cohn, 91, Cidade de Nova York, salvou 56 famílias judias da Gestapo. Kenneth R. Indo, 87, Grafton, Wis., teve ingressos para a temporada do Green Bay Packers durante 50 anos. . .

Com referências como essa, a primeira página do NYT publicou os nomes de apenas um por cento das 100 mil vítimas que, na época, o coronavírus atingira nesse país. Foi uma maneira direta e simples de dar dimensão humana a uma tragédia que, além dos números, envolve nomes, sobrenomes, biografias (Grippe, 2020).

Um recurso inverso ao anterior foi o utilizado pela *Folha de S.Paulo* em 20 de junho de 2021, quando, segundo dados oficiais, no Brasil registraram-se meio milhão de mortes pela pandemia. O jornal publicou sua primeira página em branco, com uma legenda na parte inferior que dizia:

VAMOS MORRER ATÉ QUANDO?

SE UMA CAPA VAZIA CAUSA INCÔMODO, IMAGINE A DOR QUE
CAUSA O VAZIO NAS FAMÍLIAS DOS 500 MIL BRASILEIROS QUE
PERDERAM A VIDA PARA A COVID-19

O metaevento é incomensurável. É possível agrupar centenas de nomes para narrá-lo, tanto como um tributo quanto para humanizar as dimensões da tragédia. Ou pode-se apelar para o grito silencioso da primeira página em branco. Os dois jornais que mencionamos não ofereceram notícias nas suas primeiras páginas. Os leitores já sabiam que, primeiro nos Estados Unidos e depois no Brasil, um número enorme e emblemático de vítimas da pandemia estava sendo atingido. Essas primeiras páginas não informavam, mas davam sentido à notícia que todos conheciam, enfatizando que, além das cifras sinistras, o mais sério era o custo em vidas humanas de uma pandemia que continuava fora de controle.

UM IMENSO QUEBRA-CABEÇA DE VERSÕES E INTERPRETAÇÕES

Se os meios concentrados nos dão o panorama sempre incompleto, mas ao mesmo tempo sempre mutável, da pandemia no todo e suas novidades, nas redes sociodigitais encontramos versões que ratificam a impressão que já temos dela. Aqueles de nós que nos primeiros meses da epidemia estivemos esperançosos sobre o desenvolvimento científico para desenvolver vacinas contra a covid-19 encontraram no Facebook centenas ou milhares de informações que coincidiram com essa avaliação. Aqueles que, por outro lado, desconfiam das vacinas e as consideram o resultado de conspirações para nos manipular também poderiam encontrar espaços nessa rede que alimentam a paranoia e os boatos. Nas redes sociodigitais, como já explicado, construímos ambientes nos quais alimentamos nosso conhecimento, mas também nossos preconceitos, com pessoas de convicções semelhantes às nossas.

As redes sociodigitais nos envolvem com informações que reafirmam aquilo em que já acreditamos, o que queremos ou pensamos. Nossas escolhas e amigos nessas redes são uma espécie de filtro que colocamos em nossos olhos para olhar de uma forma ou de outra para a realidade, ou para ocultá-la. Se

considerarmos, apoiados no conhecimento científico, que após a pandemia há vislumbres de esperança e buscarmos informações de acordo com esse ponto de vista, o Facebook e outras redes nos oferecerão conteúdos desse tom. Se o que mais nos preocupa é a tragédia, encontraremos milhares de textos e imagens que combinem com esse ângulo da pandemia. Na era da informação e das bolhas autorreferenciais, apreciamos o metaevento com as lentes que configuramos nas redes sociodigitais.

Milhares de notícias terão sido ditas, produzidas, escritas ou delineadas sobre a pandemia. Nenhuma informação reúne todas as características do metaevento. Cada notícia, e cada versão que conhecemos, são peças distintas de um enorme quebra-cabeça que cada um de nós monta de acordo com as informações que conhece, mas, além disso, de acordo com suas crenças e expectativas. O metaevento é um imenso e mutável quebra-cabeça de fatos, versões e interpretações.

DEZ CARACTERÍSTICAS DO METAEVENTO

Nas páginas seguintes mencionamos algumas peculiaridades do metaevento e suas implicações para a comunicação social e, especialmente, para a prática jornalística. Essa não é uma lista exaustiva, mas apresenta características que podem ser ampliadas e complementadas por outras, à medida que progride o estudo dos efeitos midiáticos, e nas redes, que a pandemia provoca.

1) *As notícias do metaevento são propagadas e reconfiguradas conforme transitam de um espaço para outro.* As informações da pandemia percorrem todo o ecossistema comunicacional e, de uma área a outra, são corroboradas, expandidas ou desmentidas. Muitas delas surgem dos meios concentrados e abertos (televisão, imprensa, rádio) e a partir daí são recuperadas em redes sociodigitais. Mas outras informações e versões se originam em espaços semiabertos, como o Facebook, o Twitter ou o TikTok, que exigem uma afiliação prévia e aos quais os usuários de cada uma dessas redes têm acesso.

Ao mesmo tempo, a pandemia e suas consequências estão se espalhando por espaços privados, como as redes de mensagens no estilo do WhatsApp ou Telegram. Nessas últimas, circulam as versões mais pessoais, mas também as mais disparatadas sobre a epidemia. Essas mensagens nem sempre transitam para redes semiabertas, ou para os abertos, nos quais as notícias falsas podem ser identificadas e esclarecidas. Em redes privadas de mensagens, o conteúdo recuperado ou produzido pelos usuários é propagado e enviado a seus conhecidos e amigos, entre os quais, em geral, não há incentivo ou informação suficiente para corrigir erros ou avaliações falsas.

Os meios abertos e semiabertos equilibram-se entre si. A imprensa pode verificar e esclarecer informações enganosas ou imprecisas que circulam em redes como Twitter ou YouTube. Por outro lado, tanto na pandemia quanto em outras circunstâncias, nas redes sociodigitais há usuários que corrigem erros na mídia profissional. Durante o metaevento, foi reforçado um sistema funcional e informal de contrapesos entre a mídia concentrada e a descentralizada. Por mais absurdo que possa parecer, há pessoas dispostas a acreditar que as antenas para 5G aumentam o risco de contrair a covid-19. Diante dessas versões, sempre surgem especialistas que publicam esclarecimentos nas mesmas redes sociodigitais e meios profissionais que também desmentem essas falsidades (Lee, 2020).

As informações sobre a pandemia se movem de um espaço a outro, complementam-se reciprocamente e muitas vezes são reconfiguradas nesse trânsito. Nesses processos, como será enfatizado adiante, as pessoas escolhem e tomam decisões sobre a credibilidade que dão a cada informação.

2) *O metaevento é observado a partir de vários locais.* Os acontecimentos noticiosos são transmitidos, especialmente pelos meios concentrados, com ostensivas ancoragens jornalísticas e técnicas. Em uma guerra, por exemplo, os correspondentes são observadores diretamente de batalhas, às vezes com risco às suas vidas. Quando desenvolvem um estilo próprio, ou suas investigações descobrem questões muito relevantes, os jornalistas podem alcançar tanta notoriedade que se tornam celebridades. Robert Fisk, Ryszard Kapuscinski ou Christiane Amanpour, entre muitos outros, têm sido personagens midiáticos porque comunicaram conflitos de guerra com um olhar peculiar, diferente do de outros correspondentes.

O metaevento, por outro lado, não tem narradores essenciais. Há aqueles que fazem, na pandemia, trabalhos de investigação ou crônicas jornalísticas com muitos méritos, mas nenhuma voz substitui o refrão de expressões abundantes que constantemente descrevem alguns de seus inesgotáveis aspectos. O metaevento é narrado com múltiplas vozes, entre as quais estão as de todos nós.

3) *O tempo é líquido nos relatos do metaevento.* Os eventos são geralmente descritos em narrativas que vão do começo ao fim. Até mesmo as notícias de fatos que não foram concluídos podem ser atualizadas e completadas no jornal ou noticiário do dia seguinte. O metaevento, por outro lado, como destacamos antes, não tem uma temporalidade precisa. Não começou em um dia e hora específicos, não haverá uma data exata em que terminará.

As narrativas do metaevento são quase todas no presente. O passado do metaevento é muito recente e o futuro está repleto de incertezas. Os eixos cronológicos em tais relatos, especialmente os de natureza jornalística, permanecem

abertos. É por isso que podemos usar a conhecida fórmula de Zygmunt Bauman (2007) e reconhecer o caráter líquido do tempo no metaevento e, portanto, em suas narrativas. No metaestálido, a realidade é volátil e o tempo – assim como a disseminação do vírus – transcorre sem pausas nem tréguas.

As sociedades e os indivíduos estão acostumados a ter datas nas quais comemoram os episódios significativos. Essas datas (para *co-memorar*) são pontos de ancoragem da memória que nos permitem fazer balanços e interpretações do que aconteceu. Para fixar, ainda que de maneira simbólica o metaevento que é a pandemia, os meios e as instituições estabelecem datas emblemáticas: o dia em que a primeira pessoa infectada em um país foi conhecida, ou as semanas em que a curva estatística de doentes ou mortos atingiu determinados níveis. Essas datas atuam como boias no mar: marcam espaços, ou momentos, que devem ser reconhecidos, mas são diferentes de um lugar para outro, de um país a outro.

A liquidez do tempo no metaevento faz parte da ausência de certezas. Bauman escreveu um grande número de livros sobre liquidez em que os títulos da modernidade são diluídos, mas o intitulado *Tiempos Líquidos* (Bauman, 2007) é dedicado às incertezas da época contemporânea.

4) *O metaevento nos cerca e condiciona a realidade.* A pandemia desloca nossas realidades cotidianas, as coloca em uma inevitável pausa e causa mudanças que se tornam drásticas. De maneira geral, os eventos relevantes, por mais que nos comovam, não alteram substancialmente nossas vidas. A pandemia, por outro lado, faz isso. As notícias são parte de uma realidade que experimentamos fundamentalmente como espectadores.

Os meios de comunicação, como lembramos antes, enquadraram os eventos com os formatos, critérios e agendas que eles usam e colocam em prática. O já citado Verón (1983) insistiu: “Os meios informativos são o lugar onde as sociedades industriais produzem nossa realidade” (p. II). Na pandemia, nos deparamos com uma realidade que, em primeiro lugar, excede as capacidades da mídia para evitá-la ou ampliá-la. É claro que cada meio coloca ênfases variadas, segundo seus padrões profissionais e mercadológicos. Mas o metaevento é uma realidade que os meios não produzem, mesmo que o reproduzam de tantas maneiras diferentes. A impossibilidade dos meios para produzir essa realidade à vontade deve-se também à capacidade de propagação das redes sociodigitais.

Verón (1983) se referia à sociedade industrial, na qual a hegemonia no espaço público era a dos meios de comunicação concentrados. Quatro décadas depois, temos uma sociedade digital (apesar das brechas tecnológicas que a limitam) em que a capacidade da mídia de moldar as versões dos eventos é limitada por espaços fluidos, abertos e envolventes, como as redes sociodigitais.

Essa interação entre meios concentrados e descentralizados é notada com maior ênfase no metaevento.

5) *Tratamentos de notícias carregados de subjetividade.* Um dos principais valores do jornalismo – de acordo com uma avaliação bastante generalizada, embora discutível – é a objetividade. O jornalismo anglo-saxão, e por extensão o que tem sido praticado na América Latina, fez da objetividade um de seus princípios mais importantes. A notícia, insiste-se, deve ser comunicada da forma mais objetiva possível, sem vieses ou intencionalidades. O jornalismo objetivo é postulado como aquele que permite que as sociedades se informem sobre eventos sem nuances para que, então, cada cidadão defina suas opiniões diante deles.

É claro que é desejável que os vieses impostos pelas preferências e interesses, tanto de jornalistas quanto de empresas de notícias, não desloquem ou condicionam informações e que os diferentes ângulos que existem em cada notícia sejam conhecidos. Mas muitas vezes é esquecido que a objetividade absoluta não existe. Cada meio de comunicação, ou cada repórter ou editor, impõe à notícia um tratamento que privilegia alguns aspectos e ignora outros.

No metaevento, intensifica-se a subjetividade inerente à notícia. Esse evento afeta tanto a todos nós que, ao contar algumas de suas facetas, é inevitável – ou quase – que os jornalistas impregnem suas narrativas com uma carga de subjetividade. Inclusive para interessar ao público que já tem uma apreciação subjetiva do metaevento – que o afeta de muitas formas – os meios de comunicação recorrem a relatos personalizados que mostram as consequências desse evento – nesse caso a pandemia – sobre pessoas concretas.

6) *No metaevento, a confusão entre informações falsas e verdadeiras é acentuada.* Notícias falsas sempre existiram. Nos últimos anos, elas se espalharam mais rapidamente em redes sociodigitais e alcançam verossimilhança quando concordam com a ideia que as pessoas têm de um evento. A pós-verdade foi descrita como uma expressão que “denota circunstâncias em que fatos objetivos têm menos influência na formação da opinião pública do que os apelos à emoção e às crenças pessoais” (Flood, 2016, para. 2). Tal definição, que o Dicionário Oxford consagrou quando começou a falar desse termo, é limitada, porque a pós-verdade é uma praga despertada pelo uso sem cautela que muitas pessoas fazem das redes sociodigitais. A pós-verdade é a substituição de fatos objetivos por versões falsas que adquirem credibilidade entre as pessoas que, em redes sociodigitais, se ocupam com mensagens que coincidem com seus preconceitos.

Nos acontecimentos unidimensionais há certos fatos que são confundidos com rumores e suposições. Esses fatos geralmente são testemunhados ou investigados pelos meios de comunicação concentrados, nos quais trabalham

jornalistas profissionais, a fim de esclarecê-los ou corroborá-los. Depois que os primeiros astronautas chegaram à Lua, em 1969, houve quem dissesse que as viagens espaciais tinham sido uma farsa da Nasa. Na tripulação da Apollo 11 não viajaram jornalistas, mas havia jornalistas na decolagem, na Flórida, no Centro Espacial, em Houston, e na cobertura desse evento. Sempre haverá pessoas que querem acreditar que o pouso na Lua não aconteceu, mas relatos científicos e solidamente documentados dessa viagem espacial abundam.

No metaevento que tem sido a pandemia, a mídia tem desempenhado um papel fundamental, primeiro, ao divulgar o surto e a disseminação do vírus e, em seguida, durante as ondas de contágio, ao divulgar explicações e informes das autoridades, avanços na pesquisa científica sobre a covid-19, o estado da infraestrutura médica e muitas das vicissitudes em nossas sociedades. Soubemos de um grande número de fatos relatados e legitimados pela mídia. Mas ao lado disso, muitas mentiras também foram espalhadas.

Muitas pessoas procuram explicações não científicas para a pandemia. O fanatismo, as trapaças e o desejo de acreditar em soluções mágicas para uma tragédia que, por vezes, sobrecarregou nossas instituições e sociedades, conduz muitas pessoas a espalhar notícias de remédios providenciais, conspirações infames ou catástrofes sanitárias maiores do que aquelas que ocorreram. Um grande número dessas versões circula em redes como o WhatsApp e, como apontamos antes, nem sempre são esclarecidas por instituições estatais ou pelos meios de comunicação.

Há versões falsas, inclusive com tons de pseudociência ou, às vezes, abertamente em oposição à ciência, que são espalhadas por personagens que têm responsabilidade pública e institucional. Estamos nos referindo a governantes de vários países que elogiaram as capacidades de cura dos chamados remédios para a covid-19, ou se manifestaram contra medidas essenciais de saúde.

Os presidentes Donald Trump, nos Estados Unidos; Jair Bolsonaro, no Brasil; e Andrés Manuel López Obrador, no México, foram alguns dos governantes que desorientaram suas sociedades com um discurso que mentiu em pelo menos três aspectos. Em primeiro lugar, rejeitaram a gravidade da pandemia: durante meses, recusaram-se a reconhecer que se tratava de uma crise global que atingiria intensamente seus países. Mesmo nos momentos de maior contágio, eles tentaram minimizá-la. Em segundo lugar, esses e outros governantes promoveram o uso de drogas de eficácia não comprovada ou mesmo remédios mágicos – Trump e Bolsonaro recomendaram substâncias contendo cloro e López Obrador disse que a pandemia poderia ser combatida com estampas religiosas. Em terceiro lugar, recusaram-se a promover ações necessárias, como o uso da máscara faciais. Milan e Treré (2020) consideram

que tanto López Obrador quanto Bolsonaro aproveitaram-se de “narrativas distorcidas mobilizadas a serviço de agendas populistas” (p. 2).

A coincidência desses e de outros governantes, que intencionalmente ou não enganaram suas sociedades, merece análises mais amplas que discutam, entre outras coisas, o caráter populista desses personagens além de suas ideologias. Aqui apontamos isso porque atitudes como essas contribuem para a desorientação de sociedades já assustadas e perturbadas pela pandemia. A mídia profissional tem uma forte responsabilidade de lançar luz sobre todos os tipos de mentiras, mesmo aquelas que são espalhadas pelos governantes.

Desde o início da pandemia, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconheceu que, paralelamente à disseminação do coronavírus, uma *infodemia* estava se espalhando: uma onda de notícias falsas que dificultaria as ações para combater a doença.

Uma infodemia, em poucas palavras, é uma abundância excessiva de informação, boa e ruim. Juntas, elas formam um tsunami virtual de dados e aconselhamentos que dificultam que pessoas, em todas as esferas da vida, encontrem mensagens claras, fontes confiáveis e orientação confiável quando precisam. Parte delas são apenas confusas, mas outra parte da informação errônea pode ser muito prejudicial à vida. Abordar uma infodemia como essa é um desafio novo, mas centralmente importante, para responder a todos os surtos da doença. (World Health Organization, 2020, p. 1)

7) *No metaevento, as habilidades dos usuários para pesquisar e aceitar informações são reconfiguradas.* O público da mídia está sobrecarregado com as enormes quantidades de informação que, durante a pandemia, têm circulado com maior intensidade; as notícias se repetem e muitas vezes se contradizem de uma fonte para outra, nos chocando e confundindo. No entanto, longe de se refugiar em perplexidade, o público dos meios concentrados, que também são usuários dos meios descentralizados, exerce sua capacidade de preferir algumas fontes de informação em vez de outras.

Uma pesquisa coordenada pela professora Ingrid Volkmer, da Universidade de Melbourne, apoiada pela OMS e pela empresa Wunderman Thompson (2021, p. 3) reuniu as opiniões sobre os hábitos de informação na pandemia de 23.500 pessoas, com idades entre 18 e 40 anos, em 24 países. Os resultados contradizem a suposição de que os jovens dependem principalmente das redes sociodigitais para conhecer as notícias, pois 43,6% deles disseram que, para se informar sobre a covid-19, preferem consultar jornais impressos nacionais, televisão ou rádio; outros 36,2% pesquisam on-line; 35,25% consomem mídia internacional – cada

entrevistado ofereceu mais de uma resposta –; e 34,2% veem informações dos meios de comunicação tradicionais disseminadas nas redes sociodigitais.

Esses dados sugerem que, mesmo quando estão quase permanentemente conectados ao fluxo ininterrupto de conteúdo oferecido pelas redes sociodigitais, os usuários – especificamente adultos jovens – prestam atenção à mídia profissional para conhecer a pandemia. Isso não significa que, no metaevento, a preferência por redes sociodigitais tenha regredido em relação à mídia convencional, mas, simplesmente, que as pessoas distinguem entre algumas fontes e outras e sabem que em espaços como Facebook ou Instagram há conteúdo de autenticidade discutível. Por isso, quando olham para informações sobre a covid-19 em redes sociodigitais, esses usuários fazem isso em espaços, contas ou linhas do tempo dos meios de comunicação tradicionais.

Apenas 16% dos entrevistados disseram que, para se informar sobre a pandemia, recorrem ao conteúdo colocado por amigos nas redes sociais e 11,6% afirmaram buscar conteúdo divulgado por influenciadores ou celebridades. Esse fato é significativo porque algumas notícias falsas mais conhecidas – por exemplo, as falas tolas, mas muito divulgadas, contra as vacinas – foram espalhadas por pessoas famosas, incluindo cantores ou atores, que, como têm centenas de milhares de seguidores, podem fazer mal ao disseminar essas mentiras. Para completar o circuito de desinformação, devido a serem publicadas por indivíduos com grande notoriedade, muitos meios de comunicação difundem essas mensagens, mesmo que seja para mostrar as extravagâncias de tais personagens. O estudo antes citado indica que, apesar da fama que esses influenciadores alcançam dentro e fora das redes digitais, os usuários das redes, em geral, não reconhecem sua autoridade em assuntos relacionados à saúde ou à ciência.

A mídia concentrada também não tem absoluta confiança: 58,3% dos entrevistados reclamou da grande quantidade de informações, o que os sobrecarrega; 51,9% disseram que pararam de ver as notícias sobre a covid-19; e 59,3% – quase seis em cada dez pessoas – acreditam que os meios não estão dizendo toda a verdade (Wunderman Thompson, 2021, p. 9).

É preciso aprofundar e continuar o estudo das audiências – que por sua vez são cidadãos com agendas, contextos e preferências – na pandemia. A partir de dados como os mencionados anteriormente, podemos considerar que no metaevento as pessoas, em grandes percentuais, diversificam, em variadas fontes, seu consumo e a busca de notícias sobre a epidemia, e preferem os meios concentrados independentemente do formato ou plataforma na qual os consultam (diretamente ou on-line), mas, ainda assim, não investem toda a sua credibilidade nesses meios.

Os cidadãos do ecossistema midiático-digital são céticos, obtêm suas informações de várias fontes e confrontam-nas. Essa atitude crítica pode significar um dique para a disseminação de notícias falsas, mas também para a credibilidade de governos e das autoridades de saúde, cujas indicações, quando apoiadas por fatos científicos, são indispensáveis para superar a epidemia.

8) *O metaevento transforma práticas e hierarquias na mídia.* Os meios de comunicação reportam notícias e situações concretas. Sua rotina é o choque permanente. Os comunicadores, especialmente os jornalistas, vivem e registram notícias que não têm horários ou cenários fixos. O horário de fechamento, nos meios concentrados, era o horizonte diário antes do qual a notícia tinha que chegar à redação e ser preparada para a edição. Esse limite desapareceu com edições digitais que se renovam constantemente, embora essa avidez por novidades seja frequentemente satisfeita com notas triviais ou repetitivas.

Os ritmos de trabalho nas redações, já alterados com a intensidade dos formatos digitais, são sobrecarregados no metaevento. As próprias situações da mídia e dos trabalhadores da informação foram alteradas. Ninguém pode se distanciar da epidemia que, de várias maneiras, afeta a todos nós. As notícias dos contágios e seus efeitos em muitos casos têm sido autobiográficas, relatadas até mesmo em primeira pessoa. Para dar cobertura jornalística ao metaevento, que por definição é inesgotável, os meios e os jornalistas se esforçam para encontrar ângulos originais e mostrar as vastas dimensões de saúde, econômicas ou políticas da tragédia, entre outras áreas, sem perder de vista as pessoas. Já nos referimos, entre muitos outros exemplos possíveis, às capas do *The New York Times* e da *Folha de S.Paulo*.

Durante este metaevento, a mídia ficou sem seu centro de gravidade, que são as redações. As redações têm sido tradicionalmente espaços para encontros – e até conflitos – pessoais e profissionais dos jornalistas. Lá, as notas que aparecerão no noticiário daquela noite ou no jornal da manhã seguinte são escritas e editadas, mas muitas vezes também discutidas. Nesses meios de comunicação, a urgência que sempre estimula o trabalho jornalístico e a estrutura hierárquica, na qual diretores ou editores-chefes tomam decisões inapeláveis, impedem amplas deliberações sobre critérios editoriais. Por isso, entre outras coisas, trata-se de meios concentrados. No entanto, o pouco ou muito de interação entre jornalistas e editores ocorre na sala de redação.

A pandemia diminuiu a centralidade das redações e as substituiu, ainda que parcial e temporariamente, pelos trabalhos remotos e reuniões em plataformas digitais como o Zoom. Repórteres, mas também revisores e editores, editores de vídeo, designers, engenheiros de som e outros especialistas em cada etapa da

fabricação do produto informativo, trabalharam em suas casas. Muitas publicações e mídias on-line já utilizavam o trabalho à distância de seus repórteres e editores, mas agora as grandes redações dos meios concentrados estavam parcial ou totalmente vazias por semanas ou meses. Ainda serão avaliadas as consequências desse deslocamento da centralidade da redação para o descentramento do trabalho jornalístico on-line.

9) *O metaevento torna os trabalhadores da informação mais vulneráveis.* A tarefa dos jornalistas, especialmente os repórteres que vão ao local onde os eventos ocorrem para gravá-los e convertê-los em notícia publicável, com frequência, experimenta fortes riscos. Governos autoritários em âmbito nacional, local e municipal, bem como gangues criminosas e figuras autoritárias instaladas em todos os tipos de poderes factuais, ameaçam e atacam os jornalistas que publicam informações de que não gostam, ou procuram impedir que sejam publicadas. A falta de proteção dos repórteres é uma das grandes limitações encontradas pelo exercício da democracia em diferentes países, entre outras áreas, na América Latina.

A pandemia intensificou a vulnerabilidade dos jornalistas. Além dos senhores da guerra e dos criminosos, agora é o vírus que ameaça e ataca milhares de trabalhadores da informação. Muitos deles adoecem quando cobrem notícias em hospitais ou em locais onde pegam a infecção. Em uma pesquisa com jornalistas de vários países da América Latina, a pesquisadora Lizy Navarro Zamora (2021, p. 234) constatou que, em abril de 2020, apenas 7% desses trabalhadores da informação possuíam equipamentos de proteção contra o vírus, como máscaras e óculos. Dois meses depois, em junho, o número de jornalistas com esse equipamento básico havia subido para 52%. Em outras palavras, em uma das fases mais contagiosas de nossos países, quase metade dos jornalistas não tinha máscaras faciais.

Além dos baixos salários sofridos pelos jornalistas em quase todos os meios de comunicação e países latino-americanos, há a continuidade da epidemia. Desde março de 2020, a organização Press Emblem Campaign (2021), com escritórios em Genebra, Suíça, faz um levantamento dos jornalistas que morreram em consequência da covid-19. A partir de junho de 2021, o inventário chegava a 1.521 jornalistas mortos pela doença, em 77 países.

Mais da metade dos repórteres mortos pela covid-19 do mundo, 803 jornalistas, viviam na América Latina. O país com mais jornalistas mortos por essa causa foi a Índia, com 255, depois o Brasil, com 243, o Peru, com 163, o México, com 112, e a Colômbia, com 67 jornalistas mortos pelo vírus. Na maioria dos nossos países, os jornalistas não são reconhecidos como trabalhadores essenciais

e não têm proteção, primeiro para não serem infectados e, posteriormente, na administração de vacinas contra a covid-19.

10) *O metaevento requer coberturas jornalísticas multidimensionais.* A pandemia é, e daí seu nome, global. A epidemia que cresceu em 2020 se expandiu mais rápido do que qualquer outra na história, porque as pessoas estão se movendo mais do que nunca. A facilidade de viagens e migrações entrelaça as economias e as culturas, mas também transporta os vírus.

Ao informar sobre as dimensões globais e nacionais da pandemia, ou do que ocorre nas grandes cidades, os meios concentrados muitas vezes negligenciam o relato de seus efeitos em pequenas e médias localidades. Nos noticiários de televisão e na imprensa no México, por exemplo, ficamos sabendo do passo a passo sobre o desenvolvimento da epidemia na Cidade do México, mas sabíamos pouco sobre a situação nas pequenas e pobres cidades de Oaxaca ou Chiapas. A mídia colombiana mostrou as consequências do vírus entre as pessoas que vivem em Bogotá ou Cali, mas eles olharam menos para Puerto Carreño ao lado de Orinoco, ou Letícia, que está localizada na Amazônia.

Um dos fatores que limita consideravelmente a informação de/para as comunidades distantes das grandes metrópoles é o crescente desaparecimento dos jornais locais. Em todo o mundo, mas principalmente em países com menor tradição de leitura dos diários e sem apoios do estado para a publicação de jornalismo local e/ou de qualidade, essa imprensa tem se encolhido até quase a extinção. Mesmo nos países mais desenvolvidos, a pandemia afetou o jornalismo: “Nenhum jornal, grande ou pequeno, tanto jornais nacionais quanto semanários locais, esteve imune aos efeitos do contágio” (Greenslade, 2020, p. 8) resenhou um jornalista britânico.

A proliferação de publicações on-line tem sido, por sua vez, uma das causas da crise da imprensa local e uma de suas possibilidades de sobrevivência. A disponibilidade de sites digitais torna dispensável, para muitos leitores, comprar jornais impressos ou de suas versões on-line. Por outro lado, é na internet que muitas publicações que deixaram de ser impressas se refugiam. De qualquer forma, o jornalismo local se empobreceu e em muitas cidades praticamente desapareceu.

Na pandemia há falta de voz e de olhar dos jornalistas locais. Esse é um problema global, como o próprio metaevento, que o historiador Timothy Snyder (2020) lamenta desta forma:

O coronavírus era uma notícia local que não pôde ser adequadamente coberta porque não temos repórteres locais. A maioria dos condados estadunidenses não

tem mais um jornal apropriado. . . Nos lugares em que as redes sociais extinguiram o jornalismo local, prevalecem a desconfiança e a ignorância. Não é apenas que os fatos estejam ausentes; é que as redes sociais espalham falsidades irracionais, inclusive sobre a pandemia, que nunca teriam sido aprovadas para divulgação em um jornal. (p. 104)

Essa não será a única pandemia que a humanidade enfrentará, nem o único metaevento que a mídia terá que relatar. Quaisquer que sejam suas mensagens e circunstâncias, a comunicação nas próximas etapas exigirá coberturas jornalísticas pelos meios de comunicação concentrados, incluirá o uso de redes sociodigitais e os cidadãos vão descobrir e escolher conteúdos, e se expressar para ressaltar sua condição de indivíduos, independentemente das comunidades de que fazem parte. O reconhecimento e o estudo das tendências e de usos das informações realizados durante essa crise possibilitaram antecipar a comunicação diante de outros metaeventos. A mudança climática se configura como o próximo desastre global. “Cobrir a pandemia é um momento-chave para rearticular o que significam ‘nações’ e ‘estados’ na era das crises sistêmicas e globais. Nesse sentido, a cobertura da covid-19 está preparando o terreno para futura cobertura climática” (Kunelius, 2020, p. 3).

Em 16 de junho de 2021, enquanto outros países mantiveram altos níveis de infecções por covid-19 com todas as suas consequências, nos Estados Unidos houve uma enorme causa de luto e novos vislumbres de esperança. Naquele dia, o país atingiu 600 mil mortes por coronavírus e, ao mesmo tempo, os estados de Nova York e Califórnia anunciaram o fim de quase todas as restrições devido à covid-19, tanto em instalações comerciais e escritórios quanto em reuniões sociais. O governador de Nova York, Mario Cuomo, declarou: “Este é um dia memorável [*momentous day*]”. O *New York Times* anunciou em sua manchete principal: “Memorável: Nova York e Califórnia Abertas [*Momentous: New York and California Open*], mas em sua manchete seguinte acrescentou: “A nação está se aproximando de 600 mil mortes, apesar do avanço”. No metaevento cada coletividade, assim como cada pessoa, tem seus marcos memoráveis.

Quando o primeiro semestre de 2021 acabou e estávamos havia um ano e meio lidando com as notícias da pandemia, parei de procurar na internet diariamente por estatísticas sobre a propagação do vírus, me conformando com o resumo que o noticiário televisivo a que assisto todas as noites oferecia. Na minha conta no Twitter, configurei uma lista de especialistas que comentam sobre as opções de vacinas, a

necessidade de ventilar espaços fechados, as ameaçadoras novas cepas do vírus ou políticas de saúde em vários países. Todos os dias há novidades nesses temas e, por mais que estejamos acorrentados a ele há muitos meses, esse carrossel informativo não deixa de surpreender. Também sofro, e espero que a capacidade de emoção não desapareça, toda vez que ouço falar de algum amigo ou conhecido que está nos deixando por causa da coronavírus. O metaevento é todo aquele mosaico de fatos, reações e emoções entrelaçados, internalizados e hierarquizados de acordo com a circunstância de cada um de nós. Este é o tempo que tivemos que viver. Temos que fazer um esforço para entendê-lo. **M**

REFERÊNCIAS

- Bauman, Z. (2007). *Tiempos líquidos: Vivir en una época de incertidumbre*. Tusquets.
- De la Garza, L. A. (1991). El historiador, los hechos y la información. *Estudios políticos*, (5), 39-48. <http://dx.doi.org/10.22201/fcpys.24484903e.1991.5.59889>
- Durkheim, E. (1986). *Las reglas del método sociológico*. Fondo de Cultura Económica. (Trabalho original publicado em 1895)
- Flood, A. (2016, 15 de novembro). 'Post-truth' named word of the year by Oxford Dictionaries. *The Guardian*. <https://bit.ly/3BpNUqN>
- Greenslade, R. (2020). Is this the virus that kills us off? *British Journalism Review*, 31(2), 5-11. <https://doi.org/10.1177/0956474820931388>
- Grippe, J. (2020, 23 de maio). The project behind a front page full of names. *The New York Times*. <https://nyti.ms/3hTqrXi>
- Keane, J. (2020, 1º de maio). La democracia y la gran pestilencia. *Letras Libres*, (257), 8-14. <https://bit.ly/3zl7J0H>
- Kunelius, R. (2020). On the overlap of systemic events: Covid-19, climate, and journalism. *Social Media + Society*. <https://doi.org/10.1177/2056305120948197>
- Lee, B. Y. (2020, 11 de julho). Face masks with 5G antennas, the latest Covid-19 coronavirus conspiracy theory. *Forbes*. <https://bit.ly/3kH9kcZ>
- López de Suazo Algar, A. (1990). *Diccionario del periodismo*. Pirámide.
- Milan, S., & Treré, E. (2020). The rise of the data poor: The COVID-19 pandemic seen from the margins. *Social Media + Society*. <https://doi.org/10.1177/2056305120948233>
- Navarro Zamora, L. (2021). Condiciones de trabajo cotidiano de los periodistas de América Latina en la cobertura del fenómeno Covid-19, estudio descriptivo emergente. *Zer: Revista de Estudios de Comunicación*, 26(50), 223-240. <https://doi.org/10.1387/zer.21963>

- Press Emblem Campaign. (2021). *Countries with the most Covid-19 related journalist deaths*. <https://bit.ly/3Bu1bP1>
- Snyder, T. (2020). *Our malady. Lessons in liberty from a hospital diary*. Crown. <https://amzn.to/2UEwEgS>
- Trejo Delarbre, R. (2006). *Viviendo en El Aleph. La sociedad de la información y sus laberintos*. Gedisa.
- Verón, E. (1983). *Construir el acontecimiento. Los medios de comunicación masiva y el accidente en la central nuclear de Three Mile Island*. Gedisa.
- World Health Organization. (2020). *Managing the COVID-19 infodemic. Call for action*. <https://bit.ly/3rsiawT>
- Wunderman Thompson, The University of Melbourne y Pollfish. (2021). *Social Media and COVID-19: A global study of digital crisis interaction among gen Z and millenials*. <https://bit.ly/3rrBhqq>

Artigo recebido em 22 de junho de 2021 e aprovado em 15 de julho de 2021.